

EDUCAÇÃO LASSALISTA: Aprendizagens no contexto escolar

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



Atena
Editora

Ano 2022

EDUCAÇÃO LASSALISTA: Aprendizagens no contexto escolar

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

Colégio La Salle Carmo, de Alexandre Lima

Acervo Colégio La Salle Carmo, 2020

Design da capa

Alexandre Lima

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Educação Lassalista: aprendizagens no contexto escolar

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Roberto Carlos Ramos
Giani Wibbeling
Kassiana Boeck
Roseli Simone Pinto
Alexandro Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação Lassalista: aprendizagens no contexto escolar / Organizadores Roberto Carlos Ramos, Giani Wibbeling, Kassiana Boeck, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Outros organizadores
Roseli Simone Pinto
Alexandro Lima

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-827-1
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.271220701>

1. Educação Lassalista. I. Ramos, Roberto Carlos (Organizador). II. Wibbeling, Giani (Organizador). III. Boeck, Kassiana (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Na Escola Lassalista,
“(...) os mestres amarão ternamente a todos os seus alunos”.
(La Salle. Regras Comuns. C. 7,13).

APRESENTAÇÃO

Encontramo-nos diante de uma mudança profunda em nossa sociedade. O mundo educacional sente o impacto transformador das pessoas, dos métodos, da gestão e dos valores. A mudança das formas de ensinar e aprender é um imperativo presente e inadiável.

Este livro apresenta 13 artigos e um poema, resultado de estudos no contexto escolar que marcam as pautas das mudanças necessárias, escritas e vividas pelos educadores lassalistas. Com temáticas educacionais variadas, objetiva aproximar as convicções teóricas às eficazes experiências e saberes educacionais, tão necessárias à sociedade do conhecimento e da mudança incessante.

Os escritos desta obra estão centrados no potencial dos profissionais da educação, no qual, são imprescindíveis na missão Educativa Lassalista, desafiando-os ao aprofundamento teórico, a partir dos frutos das aprendizagens vividas no cotidiano escolar, a fim de ser um instrumento de pesquisa para docentes, gestores e estudantes na busca constante de respostas às questões que chamam atenção para a diversidade educativa.

Os autores desta obra são profissionais da educação, que por meio da pesquisa expressam as experiências nos diversos setores do espaço escolar, falando das da própria vivência, transformando em produção intelectual e buscando compartilhar com você, leitor, as suas indagações, percursos e descobertas.

A Missão Educativa Lassalista é a nossa inspiração e herança, que nos vincula à primeira escola de São João Batista de La Salle, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todas as pessoas vinculadas ao Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, somos desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Ressaltamos que as aprendizagens da educação lassalista são os enunciados que estão nos capítulos do livro, são ótimos ingredientes que, combinados, produzirão novos conhecimentos e nos inspirarão à dinâmica escolar e a Missão Educativa Lassalista.

As aprendizagens no contexto escolar estão vinculados, especialmente, as vivências do cotidiano, fundantes no ato de ensinar e aprender e estão carregadas de distintos conhecimentos, de várias percepções e de concepções de educação e de mundo, gerando uma leitura divergente e fecunda.

Ousamos dizer que as aprendizagens do contexto escolar são produtivas e proficuas. Integram as diferentes áreas do conhecimento e abrangem diversos aspectos do ambiente educacional, buscando articular as vivências e os conhecimentos, com os saberes históricos acumulados, contribuindo para a construção e maturação da identidade dos envolvidos.

Sejam bem-vindos a estas páginas. Esperamos seu olhar curioso se encontrando

com as práticas educativas lassalistas, fecundadas de conhecimentos, saberes, vivências e experiências múltiplas, sobretudo esperamos contribuir com a educação de qualidade. Como muito bem disse o grande filósofo Emanuel Kant, “O ser humano é aquilo que a educação faz dele!”

Os autores

PREFÁCIO

Prefaciар esta obra é viver a experiência de recobrar aprendizagens, vivências, legados e sonhos futuros da educação e dos educadores que habitam em nós. Vivemos um novo tempo cronológico e existencial jamais pensado e preparado com a abrupta chegada da pandemia do Coronavírus que forçou a aceleração de processos, modos de existir, de educar e principalmente de nos relacionarmos.

Neste cenário a gestão educacional em diferentes contextos, e em proporções planetárias é provocada a constantes metamorfoses para responder às novas demandas sociais, pessoais e institucionais. O Convite que se impõe convoca-nos a assumirmos nossa adultez respondendo com atitude Antifrágil (TALEB, 2015). Tudo exige, mais que resiliência, adaptabilidade, empoderamento, novos métodos, revisão de processos, e estruturas, de formas de pensar e de trabalhar para responder bem ao que a vida nos pede no momento presente (FRANKL, 2008).

No cenário Educacional a palavra de ordem é reinvenção educacional. Tanto de seus atores quanto de seus métodos, conteúdos e processos. Esta realidade exige mudanças pedagógicas profundas na certeza de que a escola que nos trouxe até aqui, não nos levará adiante caso continuemos a fazer mais do mesmo.

Em meio a tantas janelas de oportunidade que se abrem, em La Salle encontramos um legado inspirador. Em tempos de profundos desafios econômicos, sociais, sanitários e educacionais, ele reinventou a escola para torná-la acessível aos jovens de seu tempo. Hoje ele continua a suscitar interrogações por formas assertivas de responder aos desafios de nosso tempo, em meio a tantas incertezas, e na grande certeza de que mudar é preciso para continuarmos nos reconhecendo educadores. La Salle primeiro faz a experiência de estar com os alunos, de formar professores, de constituir comunidade educativa. Depois, ele sistematiza em seus escritos que continuam nos acompanhando e inspirando na atualidade. Ele faz a experiência com os seus, depois a sistematiza. Esta obra também segue este princípio ao trazer a sistematização de vivências tão atuais, relevantes e marcadas por um tempo existencial profundo e carente de mais tempo para experimentar e não somente vivenciar periféricamente oportunidades que a vida nos propicia para, de fato, estarmos juntos. (BENJAMIN, 1993).

Esta é a era da busca por pessoas que inspiram. Portanto, a recuperação do *Storitelling* legitima-se no mundo atual que busca referenciais para a construção de trilhas existenciais. Nos professores almejamos pessoas que educam pelo saber fazer, pelo ser e pelo conviver além do saber. Ou seja, para além de um conteúdo a comunidade educativa exige, na figura dos educadores, pessoas com história de vida inspiradora, portadora de esperança, sinalizadora de princípios e valores que projetam luzes e mentorias para que os educandos organizem suas trilhas de vida.

Portanto, esta obra nos reúne junto a um grande propósito de educar para a vida. Mais que um *slogan*, é um grande compromisso com a formação das novas gerações. Tal propósito constrói-se na missão que se reinventa, na fidelidade criativa, para continuar a dar respostas às necessidades que se apresentam, de toda ordem, especialmente nestes tempos pandêmicos.

Tal propósito é vivido nesta época que exige a integração de saberes. A aproximação da verdade, o avanço no conhecimento se dá pela colaboração de diversos saberes, dentre eles, o saber fazer e o saber ser e conviver não somente entre humanos mas com a casa Comum (FRANCISCO, 2015).

Estamos ainda vivendo uma educação imersa na travessia pandêmica que exige uma reorganização estética de nossos espaços. Dentre eles, o conceito de sala de aula consolida-se no sentido amplo, seja pelo mundo da virtualidade, da integração com a cidade, com os espaços públicos, sociais, com os espaços privados, entre tantos outros que possibilitam a experiência do aprender.

Para continuar nesta Arena Existencial precisamos desenvolver Habilidades do Futuro que já chegou. Algumas já se mostram claramente. Outras ainda estamos por desenvolver. A exemplo do segundo e terceiro idioma, da alfabetização digital, da produção de conteúdos digitais, além de simples usuários destes, do trabalho colaborativo, da inovação, do pensamento criativo e empreendedor que nos ocupam no momento, legitima-se a pergunta: Que competências aguardam o profissional do futuro? Como podemos educar para um amanhã que já chegou e que ao mesmo tempo encanta, se mostra, se esconde, se anuncia, se denuncia e silencia?

As Competências Educacionais que nos trouxeram até aqui para resolver as grandes questões da humanidade, serão as mesmas que nos levarão daqui para frente? Os indicadores que até então balizam a qualidade educacional nos standards governamentais e não governamentais, continuarão a nos guiar para a educação que queremos?

Em meio a um mundo de incertezas a cooperação mostra-se caminho viável. Nela, as hélices educativas recuperam seu valor no conceito de educação para a vida. Ao recuperarmos as hélices, estamos nos referindo à educação em rede, colaborativa. Esta que integra escolas com governos, empresas, comunidades, enfim, todos os atores sociais. Não se forma para a vida sem considerar estes campos laboratoriais que fomentam competências urgentes e necessárias para a vida que queremos.

Outra certeza que nos acompanha é a coabitação num mundo híbrido quanto ao uso de novas tecnologias educacionais. Seremos digitais fará, ou já faz parte de nossos processos de identificação, de reconhecimento, de existir em educação. Não temos possibilidade de regredir a um mundo analógico, a um mundo que funcionou por séculos pautado basicamente na presencialidade. Agora, habita em nós o imperativo híbrido que faz a vida ganhar fluxo. Portanto, o presente e o futuro já estão grávidos de novos métodos educativos onde imperam ferramentas digitais que mesclam presencialidade e virtualidade.

Cada vez mais, nossas experiências estarão carregadas desta realidade.

Outra pergunta importante que continua a trabalhar em nós, neste mundo de metamorfoses, é pelo conceito de Educação de Qualidade nos tempos atuais? Que educação vem responder com maior assertividade as demandas da vida e do mercado de forma mais integral e integradora? Mesmo na fragilidade da resposta, temos indicadores que nos remetem à resolução de problemas reais, ao atendimento dos objetivos do desenvolvimento sustentável conforme (ONU, 2021), dentre outros.

Independentemente dos rumos e tendências educacionais do presente, não questionamos a necessidade do cultivo da Pedagogia do Cuidado de si e do outro. Este cuidado transcende o mero saber, o julgar, a estrita análise ou solução parcial de um problema ou situação existencial. Ele exige o cuidado com a vida em sua plenitude. Cuidado das pessoas, das diferentes manifestações de vida no planeta. Toda nossa partilha, vivências e experiências participam de nosso legado educacional. Não educamos para o imediato, nem para doarmos coisas, mas sim para ficarmos nas pessoas, com nossa acolhida, nossos valores, nossas formas de viver e conviver.

E o futuro da educação? Os desafios são muitos. As possibilidades também. Como La Salle reinventou a educação para que ela respondesse com fidelidade e criatividade aos problemas de sua época, somos convidados à mesma reinvenção. Ou seja, a educação da atualidade precisa se posicionar, com criatividade, inovação e empreendedorismo. Responder aos gargalos pessoais, sociais e institucionais para fidelizar-se é condição necessária e imprescindível para a mudança das pessoas que farão a mudança do mundo que temos para o mundo que queremos.

Creio que nosso futuro educacional está no equilíbrio do hibridismo, aliando novas tecnologias, inteligência artificial com inclusão humana, grande desafio para uma realidade tão desigual entre países pobres, em desenvolvimento e ricos. Pouco adiantará mergulharmos no mundo digital se não fizermos processo de educação e cultura da inclusão num contexto onde o acesso digital é brutalmente desigual e excludente.

Vivenciar o sonho de construirmos uma cidade educadora, onde todas as forças se unem para o bem-estar e qualidade de vida para todos é possível. Acreditemos: grandes coisas são possíveis quando na coletividade encontramos as melhores soluções para nossas dores pessoais, sociais e institucionais. Que a leitura das experiências registradas por educadores, nesta obra, nos ajude a reinventar a educação no contexto do Pacto Global capitaneado pelo Papa Francisco (ORTIZ, 2020).

Prof. Dr. Paulo Fossatti
Reitor - Universidade La Salle

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. (1993). **La metafísica de la juventud**. Barcelona: Paidós.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si' Do Santo Padre Francisco Sobre O Cuidado Da Casa Comum**. Vaticano, 2015. https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em 04 maio 2021.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução Walter O. Schlupp & Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

ONU. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Nações Unidas, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 25 out. 2021.

ORTIZ, Juan Antonio Ojeda; GARCÍA, Manuel Jesús Ceballos; RAMOS, Beatriz Ramírez. **Luces para el Camino**: Pacto Educativo Global. União Européia: OIEC, 2020. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/08/LIBRO-PACTO-EDUCATIVO-GLOGAL-OIEC-1.pdf> Acesso em: 25 jul. 2021.

TALEB, Nassim Nicholas. **Antifrágil**. Tradução Eduardo Rieche. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EGOCENTRISMO: DIVERGÊNCIAS ENTRE O ESTUDO DO CONCEITO E A ATUAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Karlani Machado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207011	
CAPÍTULO 2	9
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR INFANTIL A PARTIR DE JOGOS	
José Aldair Teles Fabro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207012	
CAPÍTULO 3	18
CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA NA INSERÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM NO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Giani Wiebbelling	
Kassiana Boeck	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207013	
CAPÍTULO 4	29
ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA COM FOCO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Scarlett Varela do Amarante	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207014	
CAPÍTULO 5	41
ALTERIDADE COMO UMA PRÁTICA COMUM DE SUPERAÇÃO DE CONFLITOS NO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Ariane Sandrin Pianegonda	
Carla Aires Bizzi	
Carla Devenz de Souza	
Graciela Krakhecker	
Laura Cardozo Perozzo	
Leandro Moterle	
Liane Kolling	
Nadieva Manuela Zamboni	
Tatiane Dutra	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207015	
CAPÍTULO 6	51
O ENSINO RELIGIOSO ESCOLAR: TESSITURAS A PARTIR DA BNCC E A MATRIZ PARA AS COMPETÊNCIAS DA REDE LA SALLE	
Aline Rodrigues	
Carlos Andrés Monteiro	
Carla Fabiane Bonatto	

Daiane Pereira Vieira Lima

Taís Baldasso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207016>

CAPÍTULO 7..... 60

PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA BIBLIOTECA DO COLÉGIO LA SALLE CARMO

Raquel Oroski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207017>

CAPÍTULO 8..... 68

CLUBE DE CIÊNCIA COMO ESTRATÉGIA PARA FACILITAR A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS NO ENSINO MÉDIO

Daniela Boff

Odilon Giovannini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207018>

CAPÍTULO 9..... 75

CLUBE DE CIÊNCIAS: AMBIENTE INTERATIVO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

Daniela Boff

Karen Caon

Ismael de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2712207019>

CAPÍTULO 10..... 80

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: FORMAÇÃO DOCENTE E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Raquel Mignoni de Oliveira

Ygor Corrêa

Andréia Morés

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27122070110>

CAPÍTULO 11..... 93

O ENSINO NA LÍNGUA INGLESA E A ADOÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Raquel Mignoni de Oliveira

Marina Camargo Mincato

Roberto Carlos Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27122070111>

CAPÍTULO 12..... 107

PROCESSO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Roberto Carlos Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27122070112>

CAPÍTULO 13..... 112

“EU SABERIA”, O FUTURO PRETÉRITO DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS:
UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA SOBRE AS POTENCIAIS DEFASAGENS DISCENTES
E OS RUMOS DA EDUCAÇÃO

Angela Maciel

Daniel Graniero Echeverrigaray

Jordana Bogo

Roseli Simone Pinto

Tatiana Pagliarin Krindges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27122070113>

CAPÍTULO 14..... 126

NOSSA SENHORA DO CARMO

Tatiane Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.27122070114>

SOBRE OS ORGANIZADORES 128

CAPÍTULO 13

“EU SABERIA”, O FUTURO PRETÉRITO DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA SOBRE AS POTENCIAIS DEFASAGENS DISCENTES E OS RUMOS DA EDUCAÇÃO

Data de aceite: 01/12/2021

Angela Maciel

Licenciada em História pela Universidade de Caxias do Sul, com Especialização em Metodologias Ativas para o Ensino Médio e o Enem, e professora de História no Colégio La Salle Carmo de Caxias do Sul/RS

Daniel Graniero Echeverrigaray

Graduado em licenciatura plena em filosofia pela Universidade de Caxias do Sul. Realiza esforços em nível de pós-graduação para adequar a sua formação às exigências do Novo Ensino Médio. Atualmente, também, tem se dedicado ao estudo de letras pela Universidade Claretiano e demonstrado, particular interesse, em línguas arcaicas, tais como grego e latim. Atua como professor titular de Filosofia e Sociologia nas séries finais do E.F.II e no Ensino Médio do Colégio La Salle Carmo de Caxias do Sul/RS

Jordana Bogo

Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Pós-graduanda em Ensino médio: interdisciplinaridade e itinerários formativos para linguagens e Ciências Humanas pela Universidade La Salle. Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade de Caxias do Sul. Professora de Geografia no Ensino Fundamental e Médio no Colégio La Salle Carmo de Caxias do Sul/RS

Roseli Simone Pinto

Mestre em letras e cultura regional pela Universidade Caxias do Sul. Pós-graduanda em gestão e docência do ensino superior, pela Universidade Luterana do Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Colégio La Salle Carmo de Caxias do Sul/RS

Tatiana Pagliarin Krindges

Especialista em Fisiologia do Exercício, pela UFRGS, Pós graduada em Gestão Escolar pela Facos, Licenciada Plena em Educação Física pela FEEVALE Professora de Educação Física no Colégio La Salle Carmo de Caxias do Sul/RS

“Eu saberia” não é uma determinação absoluta, é apenas um futuro pretérito que se conjugará, em meio a tantas adaptações e preocupações, acabamos perdendo a nossa capacidade de reconhecer o outro em suas necessidades mais fundamentais, ou seja, perdemos a nossa própria humanidade e o ideal inerente a educação, o de humanizar o próximo.”

1 | INTRODUÇÃO

Ao compreender a urgência de se analisar os transtornos gerados pela pandemia dentro dos limites que circundam e contemplam a esfera educacional, este ensaio apresenta uma proposta investigativa que pretende revelar pelas vias fenomênicas, analíticas e interpretativas a combinação dos principais elementos confluentes que tem colaborado prejudicialmente para um desvio direcional da educação de seu verdadeiro propósito, não obstante, a aprendizagem integral e significativa de nossos jovens. Entre estes fatores, categoricamente aqui configurados como

obstáculos, concentramos uma especial atenção às questões relacionadas às disposições interacionais, às instabilidades emocionais e à qualidade cognitiva que foram vivenciadas e desenvolvidas pelos jovens nos modelos de ensino, convencionalmente, denominados de ensino a distância e ensino híbrido.

Nessa mesma linha, ou pelo menos a partir dela, compreendemos que será possível reavaliar a intencionalidade da proposta educativa de modo geral, a fim de atender as presentes demandas e as inevitáveis consequências próprias deste atípico momento. Eis que, para isso, não podemos pecar neste instante crucial, seja por omissão, negligência, covardia, vaidade, individualidade ou ignorância, mas, ao contrário, somar todos os esforços possíveis para esmiuçar de forma madura e em seus pormenores, sem relevantes pudores, aquilo que é inexoravelmente responsabilidade docente: o reconhecimento das afetações discentes e dos meios adequados, nas mais adversas situações, para que possamos alcançar o educando em seu potencial intrínseco.

Para tanto, reunimos neste compêndio, uma série de indícios, informações e reflexões coletadas, compartilhadas e discutidas em esforço cooperativo pelos docentes de diferentes áreas e componentes curriculares que atuam internamente no âmbito institucional do Colégio La Salle Carmo, renomada instituição católica de ensino privado da cidade de Caxias do Sul, a qual está localizada na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda no intento de qualificar a contextualização desta investigação, vale ressaltar que, especificamente, o corpo discente analisado, pertencente à escola supracitada, restringe-se às séries finais do ensino fundamental e ao ensino médio de modo geral. Essa restrição se deve ao fato de que os autores deste trabalho constituem parte do corpo docente que atua diretamente com o público alvo aqui analisado, detalhe pertinente para uma perspicaz verificação conjuntural em aspectos práticos e teóricos por conta de tamanha proximidade existente entre os sujeitos e os objetos desta investigação. Entretanto, como podem mal interpretar os espíritos leitores dotados de má-fé, antecipamos que, nas estruturas deste trabalho, tomamos os cuidados necessários para não cair nas teias da mera subjetividade e, também que, em nenhum momento pretendemos fazer aqui um depreciativo juízo de valor sobre esta excelente instituição de ensino, da qual todos somos parte integrante. O foco está centrado na ressignificação da educação em si e do trabalho que nós mesmos realizamos cotidianamente.

Em termos estruturais, esse trabalho está disposto organizacionalmente de modo a promover em sua cadência relacional uma reflexão combinada, por meio das quais pretensiosamente pretendemos revelar, ao final de tudo, uma possível solução para que possamos minimizar os efeitos negativos impostos por esta abrupta reinvenção do ensino que aflige tanto os educadores, quanto os educandos neste início de década. A metodologia utilizada é resultado de uma rica fusão que recorre a instrumentalidade usual de questionários¹ como meio para subsidiar as pesquisas de campo em termos

¹ As pesquisas de campo foram realizadas em parceria com educandos da 2ª série do ensino médio, em trabalho de-

concretos, associadas às experiências e relatos formais e informais dos corpos discentes e docentes, as quais foram compartilhadas e discutidas entre o professorado autoral deste empreendimento ao longo do período pandêmico e, finalmente, o diálogo ou a falta deste entre aquilo que se verifica e as pretensões teoricamente estabelecidas pela educação vigente no cenário nacional.

Para não estender em demasia essa introdução, finalizamos agora com um pequeno roteiro que orientará a leitura, facilitando o entendimento da lógica utilizada. Assim sendo, a estrutura deste trabalho segue a seguinte disposição: dedicamos em primeira instância, uma análise discente que se divide em três tópicos específicos, porém, necessariamente, inter-relacionados: a) a afetação interacional; b) a instabilidade emocional e c) o prejuízo cognitivo. Posteriormente, combinando todos estes fatores, analisaremos o recurso digital como elemento mediador e espaço de convivência entre professores e alunos, bem como a primitiva mentalidade de como operar e se beneficiar desse recurso tecnológico. Por fim, esperamos demonstrar a necessidade de alinharmos em uníssona voz todos os diversos interesses que se confrontam no meio educacional e que acabam por repercutir em nocivos prejuízos tanto para os indivíduos em suas particularidades quanto para a sociedade de modo geral, que perde em graus potenciais a efetiva qualidade de seus cidadãos.

2 | DESENVOLVIMENTO

O prévio entendimento de que toda e qualquer transição implica deslocamentos necessários de nossas habituais zonas de conforto, já é em si, uma justificativa plausível para que averiguemos mais de perto os fenômenos adjacentes envolvidos e que podem desestabilizar a ordem estabelecida. Quando tratamos de transições forçadas, como se evidencia no requerente cenário pandêmico global, com especial situação caótica a nível nacional por fatores diversos que não merecem a nossa atenção neste momento, é preciso minimamente indagar para que ‘águas estamos rumando’ a fim de que não sejamos surpreendidos em breve com paredes rochosas, das quais não poderemos desviar.

Dessa forma, por se tratar de uma transição inesperada em uma das instituições basilares, nas quais a sociedade se alicerça e se erige, devemos máxima atenção a que tipo de transformações estamos a presenciar para antever o futuro que se faz promissor na educação brasileira. Ademais, quando percebemos que se trata de uma transição não planejada, à qual pressupõe uma série de adequações instantâneas, sobretudo, de qualidades operacionais sem que possamos avaliar cautelosamente as intervenções de maior utilidade e menor prejuízo, é impreterivelmente responsabilidade de todo docente ético, autônomo e crítico, questionar as possibilidades resultantes de suas próprias escolhas. Obviamente, não com a intenção de desconstruir aquilo que prospera, mas de identificar e mudar aquilo que se mostra insuficiente.

envolvido para subsidiar as bases de um projeto da mostra científica organizada na instituição.

Como se não bastasse a complexidade que opera no interior da educação, ainda somos responsáveis pelo modo como tudo isso afetará a vida de incontáveis jovens que enxergam na educação o meio para alcançar os seus sonhos e ambições pessoais e profissionais. Evidenciado o sentimento de responsabilidade para com os educandos e a sua educação, tratemos de dar a merecida atenção aos impactos que a transição pandêmica tem infligido sobre o capital mais valioso da educação brasileira, ou seja, os nossos educandos e educadores.

As análises a seguir abordam uma combinação metodológica quali/quantitativa, sugerida por Silverman (2009), utilizando-se da pesquisa qualitativa para elaborar o instrumento que possibilitou quantificar as informações. O autor afirma que essa combinação de métodos valoriza o estudo qualitativo. Desenvolveu-se, portanto, um formulário² com perguntas abertas. A aplicação do teste foi realizada com educandos, com o intuito de coletar informações e dados, por meio de perguntas pré-elaboradas, conforme sugere Cervo (2007). Esse levantamento possibilitou a elaboração de um questionário para nova aplicação, com amostragem maior buscando assim quantificar os dados. Tivemos como base 770 educandos da escola La Salle Carmo, sendo: 197 alunos do Ensino Médio e 573 dos Anos Finais do Ensino Fundamental, considerando um erro amostral de 5% e nível de confiança nos dados de 95%. A participação total foi de 455 educandos, sendo: 306 Ensino Fundamental Anos Finais (E.F.II) e 149 Ensino Médio (E.M.).

2.1 A reciprocidade e instabilidade proveniente da liquidez relacional

A sociedade hipermoderna é propriamente aquela que multiplica ao infinito as ocasiões de experiência frustrante, ao mesmo tempo que deixa de proporcionar os antigos dispositivos “institucionalizados” para debelar esse mesmo mal. (Lipovetsky, 2007, p. 14).

No quadro epidêmico as mais diversas formas de relações sociais passaram a ser estabelecidas, majoritariamente, pelas vias tecnológicas que, por sua vez, implicaram uma nova formatação relacional crescentemente dotada de impessoalidade, indiferença e instabilidades. Se outrora utilizamos os aparelhos celulares e computadores apenas em momentos oportunos para alcançar tudo aquilo que, espacial e temporalmente se tornava inviável em determinado instante, hoje, acabamos por não encontrar instante algum fora da órbita digital. A tecnologia tem aproximado tudo aquilo que era distante e distanciado tudo aquilo que nos era próximo. Pelo convívio digital, conectamo-nos com uma pluralidade de pessoas e amigos em torno dos mais diversos entretenimentos, sem que esse tipo de contato possa preencher a carência decorrente da real solidão pré-anunciada e da ausência de afetividades.

Diversos são os relatos de alunos e de professores sobre o fato de que não conseguem encontrar ou dedicar um tempo hábil, útil e significativo, nem sequer dentro

² O formulário foi desenvolvido pelo recurso *Google Forms* com questões semi-estruturadas e aplicado na data 15 jul.2021.

do próprio ambiente familiar. Tal mudança repentina tem demonstrado que os educandos possuem mais tempo livre e convívio com a família, porém, contraditoriamente, apontam dificuldades para estudar em casa, fazer atividades físicas, realizar trabalhos escolares, conversar com os pais, resumidamente, dificuldades para reorganizar a sua própria rotina diária.

As constatações experienciadas pelos mais diferentes professores em seus respectivos exercícios laborais os quais, necessariamente, requerem qualidades metodologicamente distintas, conforme o componente curricular ministrado, indicam entre si padrões comportamentais semelhantes por parte dos educandos. Dentre esses comportamentos, apenas para citar alguns, deparamo-nos com a ausência comunicativa, as câmeras desligadas, a falta de participação, de empenho e dedicação, a não realização de atividades e, muitas vezes, por conta da culminância de múltiplos fatores, a falta de respeito e reconhecimento que se fazem manifestas a partir de um silêncio perturbador.

Coincidentemente, parece que a queixa dos professores corrobora com a própria realidade vivenciada pelos educandos desde suas residências. Entretanto, parece que não conseguimos mais enxergar uns aos outros em meio à tamanha nebulosidade que permeia as relações entre as partes. As pesquisas realizadas com os educandos apontam que 71% dos jovens acreditam que o maior desafio é conseguir manter o foco nas aulas *on-line* por conta das inúmeras distrações circundantes; 11% revelam que o mais difícil é conseguir se manifestar estabelecendo interações, seja com os professores ou com os colegas; 5,5% afirmam que o maior problema consiste em dificuldades relacionadas à conexão com a internet; 5,1% acreditam que as aulas em casa promovem mais comodidade e ociosidade; 7,4% indicam que existem outros fatores que são prejudiciais, mas que não foram citados.

De modo geral, é possível notar que mesmo os educandos que estão retornando para o espaço da sala de aula, ou seja, para as aulas híbridas pelas vias protocolares que prevê os rodízios entre os educandos, ainda podemos perceber a introspectividade, a instabilidade emocional e a dependência eletrônica quase patológica que os mantêm praticamente em estado de crise de abstinência quando privados de seus celulares. Não apenas se verifica uma dificuldade de estabelecer relações com os professores, mas também e, um tanto mais preocupante, entre o próprio coletivo discente, seja em situações *on-line* ou *off-line*.

Em entrevistas realizadas com educandos das séries finais do ensino fundamental, percebe-se que as aulas a distância têm se demonstrado hostis em múltiplos sentidos. No que se refere particularmente à questão interacional, os jovens afirmam que a virtualidade não é capaz de substituir a relação presencial e o contato físico. Inclusive, reforçam para o fato de que a presencialidade não deve ser reduzida simplesmente ao estar diante do outro, mas, sobretudo, ao modo de entrega do indivíduo em circunstâncias concretas, isto é, a intensidade e a profundidade de imersão na relação enquanto ela ocorre. Em suma, a relapsa presença virtual, além de ocorrer em tempos dissonantes, ainda inviabiliza a real

vivência relacional.

Por curiosidade, dentre as informações coletadas em tempos de isolamento, a principal ferramenta utilizada pelos jovens foi o *whatsapp*. Por sua vez, os diálogos e interações estabelecidas ao longo de 2019, ocorreram segundo a lógica hierárquica da menor exposição. Em ordem decrescente de utilização, temos, portanto: as mensagens, os áudios, as fotos e, finalmente, em última posição, o recurso audiovisual por meio da postagem de vídeos.

Em depoimento, a educanda afirma que “é impossível querer que o aluno se exponha perante os outros sem que ele possa perceber o modo como os demais reagem em relação a ele, pois, certamente, os comentários serão inevitáveis e imprevisíveis”. Uma vez que é impossível realizar uma leitura complexa da realidade, tendo como subsídio a constatação empírica das reações expressivas, das manifestações corporais e das intencionalidades dos sujeitos envolvidos na experiência compartilhada, dificilmente a exposição poderá ocorrer. Em fase adulta, o receio daquilo que é vexatório já é evidente e incontestável, portanto, podemos presumir que, tanto mais deverá ser essa preocupação entre os jovens, em que a vaidade e a necessidade de aceitação social são imperadores absolutos.

Outro elemento, para além daquilo que se deixa transparecer na relação de presencialidade e que, não obstante, está intimamente associado aos prejuízos da virtual leitura da realidade é a espontaneidade proveniente da resposta imediata requerida. Ao não estar sendo vislumbrado pelos demais no instante em que as situações ocorrem, seja via *whatsapp*, seja via *meet*³, o tempo de reação do indivíduo é sempre maior e, portanto, às margens para a premeditação, a racionalização e a conveniência passam a ser dominantes. A qualidade relacional passa a ser puramente mecânica e potencialmente desfavorável inviabilizando uma verdadeira conexão.

Ao lançarmos luz sob a perspectiva que permanece oculta aos educandos, encontramos um corpo docente lastimoso e, que, por vezes, embora, relutante, tamanha sua falta de disposição de ânimo, acaba por se entregar aos pensamentos mais sombrios que lhes conferem um desgostoso olhar sobre aquilo que ele mesmo é e produz. Caímos assim, mesmo que sem querer, em um ciclo de incontáveis penúrias, em que acabamos por fim, fazendo aquilo que nunca foi do interesse de ninguém, isto é, prejudicarem uns aos outros.

A liquidez dessas relações intensificadas pelos aparatos tecnológicos em sua má utilização ou pela sua banalização desenfreada, que invade todos os espaços da vida social sem qualquer controle, intensifica a reciprocidade de prejuízos, sem que possamos perceber. Segundo Bauman (2005, p.18), “o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.”

³ Plataforma Google usualmente utilizada neste meio institucional para ministrar aulas que ocorrem a distância.

2.2 A ocultação da solidão na pseudoconectividade do mundo digital

Para pessoas inseguras, desorientadas, confusas e assustadas pela instabilidade e transitoriedade do mundo que habitam, a “comunidade” parece uma alternativa tentadora. É um sonho agradável, uma visão do paraíso: de tranquilidade, segurança física e paz espiritual. (BAUMAN, 2005, p. 68).

Dentre as proposições temáticas levantadas nesse artigo, compreendemos que a mais delicada de todas se encontra exatamente expressa neste tópico. Temos visto que, uma das características mais marcantes de nossos tempos e que foi inserida de forma determinante nas relações sociais, repercutindo, em fenômenos diversos no espaço educacional, consiste na implementação tecnológica possibilitando as aulas a distância em meio a brutal pandemia.

Se nos detivermos um instante a prestar atenção à expressão que caracteriza esse tipo de ensino, perceberemos que ela já nos revela em sua própria terminologia aquilo que se manifestará na prática como um abismo entre os partícipes da educação. A proximidade entre educandos, bem como entre educandos e educadores, promove o diálogo, a inspiração, a tolerância, a coragem e a motivação necessária para que o conhecimento possa surgir dessa relação. A distância, por sua vez, desde sempre foi responsável pela promoção do esquecimento, da ignorância, do preconceito, da ausência, da apatia e da solidão. Ser distante ou estar distante é apenas mais uma forma de se referir àquele que está longe, que está alheio, que deseja se preservar de toda e qualquer sensação de insegurança que emana de fora, por medo de não ser aceito pelos demais em seus julgamentos.

É, a partir do distanciamento existente entre as pessoas, que nos afundamos, cada vez mais, em nós mesmos, nos perdemos em meio à solidão que emana do “vazio digital”, o qual nos encanta com a possibilidade de estarmos em meio a uma comunidade que não apresenta qualquer risco de retaliação ou reprovação. O preenchimento da necessidade do contato humano torna-se ilusório e insignificante, mascarando, momentaneamente, a presente solidão. Assim nos afastamos da verdadeira realidade que é permeada pela diversidade de gostos, sentimentos, pensamentos e comportamentos e nos iludimos em um espaço virtual transitório agradável e aconchegante, porém no qual não poderemos permanecer para sempre e que representará dor e sofrimento quando dele tivermos que abdicar no momento em que a vida nos obrigar a transcendê-lo.

A vulnerabilidade emocional tem sido um dos obstáculos mais nocivos para o desenvolvimento da educação durante o isolamento social e as aulas a distância. Muitos jovens e crianças não conseguem nem sequer acompanhar as aulas, pelo simples fato de não conseguirem atribuir qualquer sentido a si mesmas, quanto mais àquilo de que se fala em aula. Diferentes sintomas têm sido desencadeados por distintos graus de depressão que, em ritmos acelerados, evoluem e se retraem gerando inconstâncias comportamentais

de toda a espécie. Crises de pânico, ansiedades, prantos e desabafos são identificados nas mais diferentes turmas e demandam trabalhos coletivos que integram esforços entre os diferentes setores responsáveis, que se estendem desde a orientação pedagógica e do respaldo docente, até a formação dos grupos de jovens e trabalhos psicológicos internos e externos.

O sentimento de pertença reconhecido dentro de grupos sociais específicos e que são fundamentais para a formação da personalidade e constructo da própria identidade, antes solidificados pela relação constante, passam agora a se configurar como ameaças. Aquilo que antes era um “porto seguro”, agora se apresenta como uma possibilidade de afetações negativas e discussões. Por outro lado, a necessidade de afirmação grupal tem se demonstrado nociva, pois os alunos, uma vez que precisam tentar ser aceitos em novos grupos têm investido, comportamentalmente, de maneira desrespeitosa com os outros, assim como para com os professores.

A depressão e a ansiedade entre os estudantes têm se transformado em um fator cada vez mais comum na educação contemporânea e colaborado para a descaracterização do ensino que clama por um olhar humano e acolhedor. É necessário, para tanto, estarmos atentos às exigências que decorrem de uma sociedade em transição, a fim de auxiliar os educandos verdadeiramente em sua formação integral.

2.3 As demandas quantitativas e os prejuízos qualitativos do corpo discente

[...] o principal desafio da educação brasileira, para as próximas décadas, é o da qualidade. [...] É urgente e imprescindível buscar obsessivamente a qualidade na Educação, para superar o fracasso evidenciado e experimentado por boa parte dos estudantes no sistema educacional brasileiro. (ARAÚJO; LUZIO, 2005).

O desencadeamento da multiplicidade de fatores contingentes e determinantes que decorrem dos fenômenos já analisados, obviamente, sem qualquer pretensão de esgotar o assunto em sua imensidão, mas, em perfeita oposição, no intuito de fomentar as discussões circundantes, tem nos conduzido, em termos gerais, a um prévio entendimento conjuntural de afetações que culminam em prejuízos atuais e potenciais de aprendizagem significativa. Intermitentemente, tem-se frisado nas instituições de ensino e, em particular, na nossa instituição, pelas vias diretas e, em especial, pelas coordenadorias pedagógicas, para que haja uma significativa diminuição de demandas para os educandos visando ao bem-estar físico, emocional e mental do corpo discente. Todavia, identificamos em inúmeros relatos, o prevaletimento de práticas contraditórias às exigências solicitadas.

Essa evidência constatada é denunciada para fins de compreensão e não como críticas, sobretudo, quando se antevê, mesmo que na mais leiga percepção superficial, a complexidade e a dificuldade de resiliência docente em contexto tão desfavorável e de forma surpreendentemente inesperada. Todo o esforço dos educadores em tentar qualificar

suas aulas dentro deste cenário, parece sempre pouco ou aquém daquilo que eles mesmos gostariam. Na maioria das vezes, para piorar a situação, esses esforços parecem ser em sua grande maioria desconsiderados e negligenciados pelo seu próprio público.

Como podemos notar, as contradições são constantes e parecem nos conduzir para uma espiral cíclica de ignorância e reciprocidade negativa dentro do movimento desse universo educacional que opera inconscientemente. Logo, enquanto que o professor se sente em estado caótico e depreciativo, o aluno se sente esgotado, desmotivado e impotente por estar em constante atividade produtiva, sem alcançar a partir de suas produções a sua própria realização e entendimento acerca do que é produzido. Desse modo, as atividades freneticamente impostas perdem sentido ao se tornarem puramente mecânicas e reprodutivas, geralmente, cópias imperfeitas de imperfeições já existentes e compartilhadas em rede. A priorização do quantitativo em detrimento do qualitativo tem repercutido para um crescente pragmatismo utilitarista por parte dos educandos. Desse modo, seletivamente, as atividades passam a ser priorizadas e descartadas por princípios de conveniência, sem importar o objeto de conteúdo inerente à proposição.

Os comentários e os relatos dos educandos, sempre em observância do todo sobre as partes, são denominadores comuns em torno dessa questão. Temos escutado de diferentes indivíduos colocações que sintetizam aquilo sobre o que aqui estamos a expor. Entre os discursos ressaltamos: “É exaustivo realizar tudo aquilo que nos é solicitado [...]”, “Eu não aprendi absolutamente nada [...]”, “Geralmente, utilizamos as aulas de diferentes matérias para fazer o trabalho de outras [...]”. Porém, dentre todos os depoimentos, aquele que mais se faz notável e que requer especial atenção por sua conotação atordoante é “Temos perdido a confiança em nosso próprio potencial [...]”. Essas palavras ecoam para além daquilo que poderíamos supor ou mesmo imaginar, pois esse quadro patológico acaba por invadir prejuízos que se estendem para horizontes desconhecidos que sugerem que o aluno tem desqualificado sua própria humanidade.

Em análises numéricas alcançamos que, de cada dez (10) educandos, oito (8) afirmam não terem desenvolvido conhecimentos significativos ao longo destes quase dois anos de pandemia. A impotência estudantil e o descrédito dos estudantes que desferem sobre si as mais duras críticas sobre as suas próprias capacidades se evidencia nas diferentes avaliações formais, ditas provas, que esvaziam as salas em tempos de ensino híbrido, por onde quer que elas passem. Essa espantosa numeração, também se aplica àqueles indivíduos que buscam respostas na internet para a resolução de questões propostas. Ou então, para aqueles que realizam a avaliação e buscam conferência por meio de varreduras *on-line* para garantir boas notas com medo de estarem equivocados. Se as questões erradas são alteradas? Só na medida em que o resultado não se mostre evidentemente fraudado os olhos do professor. Logo, evidenciamos também uma corrupção ética e comportamental.

O jogo da ignorância das partes, ainda pode ser demonstrado graficamente em

anexo apresentado (ANEXO 1) nesse trabalho, pelo qual a aprendizagem quando medida em escala de 1 a 5 antes e durante a pandemia, revela um decréscimo considerável de nível 4 (antes da pandemia) para um acréscimo significativo no critério 3 (durante a pandemia). Sobre esse detalhe ainda se sobrepõem as falas discentes de que não colocariam menos, isto é, 1 ou 2, para não estarem abaixo da convencional e satisfatória mediana. Para usar os termos exatos, um educando expressou em desabafo o fato de “não querer parecer burro” perante os demais colegas. Aliás, embora tenhamos registrado estas entrelinhas esclarecedoras, é perfeitamente perceptível a incidência crescente nos critérios 1 e 2 (durante a pandemia) os quais antes eram praticamente inexpressivos.

2.4 Hibridismo, cultura digital e o protagonismo discente

A escola não virá a usar computadores adequadamente pelo fato de os pesquisadores apontarem como fazê-lo. Ela virá a usá-los bem (se o fizer algum dia) como uma parte integral de um processo coerente de desenvolvimento. Como bons professores centrados no desenvolvimento, os pesquisadores poderão contribuir melhor quando entenderem o processo de mudança na escola (...) A escola não se deixou mudar sob a influência do novo aparelho, ela viu o computador pela lente mental das suas próprias formas de pensar e fazer (PAPERT, 2008, p. 52).

A educação, tal como historicamente se tem evidenciado, caracteriza-se pela sua qualidade de flexibilização frente às diferentes demandas que se exigem por conta das inevitáveis transformações sociais vivenciadas no tempo e no espaço. Especificamente, em nossos dias, é simplesmente impossível ignorar a crescente cultura digital que se alastra pelas mais diversas faixas etárias e esferas da vida cotidiana, ganhando primordial destaque entre as gerações denominadas “nativas digitais”. Nesse cenário, a negação, a negligência, a ignorância, a falta de interesse, ou mesmo, a má utilização das múltiplas ferramentas digitais no exercício da prática docente é um verdadeiro descaso e uma tamanha irresponsabilidade para com os educandos destes novos tempos que anseiam por uma maior aproximação da educação formal para com a realidade na qual estão inseridos. As obsoletas práticas convencionais de ensino e de aprendizagem contemplam em si um dos fatores mais expressivos para explicar a falta de motivação dos jovens, os baixos rendimentos escolares e, o mais alarmante de todos, os prejuízos, a decadência intelectual, moral e cognitiva acerca dos saberes mais caros e fundamentais para a humanização no século XXI.

Ao que se refere às vantagens da inserção tecnológica digital nos ambientes educacionais devemos ressaltar, em primeiro plano, o estímulo discente e as aprendizagens significativas proporcionadas pela autonomia do sujeito em parceria com a mediação docente. Ademais, o processo de atividades e pesquisas permeadas pelas diferentes ferramentas digitais fornecem os meios adequados para que trabalhos colaborativos possam ocorrer mesmo que a distância como se verifica em modelos híbridos de ensino.

Ainda, em termos qualitativos a flexibilidade desses recursos oportuniza o reconhecimento de distintos perfis de aprendizagem, assim como a exploração dos diferentes potenciais (habilidades e competências) específicos identificados em sala de aula, permitindo uma infinidade de materiais diversificados que atendam a multiplicidade de inteligências com as quais lidamos a um só tempo.

Entretanto, em função da transitoriedade, que estamos vivenciando na educação, é importante que não percamos de vista o real propósito da inserção digital no processo educativo. Caso contrário, corremos o risco de que os educadores tendenciosamente reduzam e, não obstante, reproduzam a velha lógica tradicional em ambientes virtualizados e que, por sua vez, os educandos acabam por se tornar copiadores dependentes e compulsivos que só conseguem produzir mediante respaldo tecnológico. Nesse contexto, estaríamos sendo escravizados pelos recursos que nós mesmos criamos, ao invés de nos utilizarmos deles para potencializar as qualidades humanas latentes que anseiam por sua autodescoberta.

As transformações do mundo contemporâneo estão diretamente relacionadas aos avanços tecnológicos proporcionados pelo crescente progresso científico, os quais, por sua vez, acabam, gradativamente, invadindo todas as esferas da vida social, inclusive, os espaços pertinentes à educação. Embora, em termos educacionais, tenhamos negligenciado e recebido esse fenômeno com uma infinidade de reticências, parece que o cenário pandêmico, forçosamente, obrigou-nos a repensar a sua utilização e eficácia. As grades e muralhas que outrora restringiam e delimitavam o ambiente escolar passam a ser derrubadas por uma força invisível, porém imponente, convencionalmente denominada de cultura digital.

O ensino a distância e o modelo híbrido, todavia, não têm alcançado até o presente momento a pretendida excelência teórica quando analisamos as suas aplicações e resultados práticos. Contudo, levando em consideração o modo como esses recursos foram inseridos à educação é perfeitamente justificável a sua atual insuficiência. Quando pensamos nas transformações necessárias que devem ocorrer no âmbito educacional, temos que pensar, primeiramente, na gradativa mudança de mentalidade de tudo aquilo que a constitui. A educação é um edifício monumental que se solidifica a partir dos constructos erigidos pelas suas partes. Logo, é preciso mudar as partes para alterar o todo e não o contrário.

A revisão dos paradigmas convencionais de ensino e de aprendizagem precipitam um conjunto de novas metodologias que precisam ser concebidas, para que possamos alcançar o educando em seus anseios particulares. Não obstante, o alinhamento entre as propostas pedagógicas - que nos orientam para as finalidades da educação e as metodologias que se enquadram como os meios para sua consumação - constitui duas vias distintas, porém complementares para o sucesso desse empreendimento. Por essas premissas, não estaríamos equivocados em organizar toda a conjuntura pedagógica em torno das aspirações e potencialidades intrínsecas pré-existentes nos educandos,

tornando-os protagonistas de um ensino que desde sempre lhes pertence.

Finalmente, a implementação de metodologias inovadoras, articulações horizontalizadas, salas invertidas, atividades modulares e colaborativas, projetos interdisciplinares e transdisciplinares que promovam a autonomia e a capacidade de resolução de problemas proporcionando a possibilidade de intervenção concreta na realidade social em que os educandos estão inseridos, o aperfeiçoamento contínuo de aulas síncronas e assíncronas, bem como a instrumentalização para uma satisfatória utilização de recursos tecnológicos digitais, constituem uma gama de elementos que precisam ser integrados às práticas educativas.

2.5 Uma conjugação do futuro pretérito da educação

“A superação da situação necessitaria de uma metamorfose totalmente inconcebível. (...) essa constatação desesperadora comporta um princípio de esperança; sabe-se que as grandes mutações são invisíveis e, logicamente, impossíveis antes que apareçam; sabe-se também que elas surgem quando os meios de que um sistema dispõe se tornam incapazes de resolver seus problemas. Assim, para um eventual observador extraterrestre, o aparecimento da vida, ou seja, de uma nova organização da matéria físico-química mais complexa e dotada de qualidades novas teria sido tanto mais concebível quanto mais tivesse sido produzida nos turbilhões, tempestades, furacões, erupções e tremores de terra.” (Morin, 2011, p. 91).

Em linhas gerais, ao lançar à luz sob as diversas perspectivas apresentadas, não pretendemos ressaltar os prejuízos pandêmicos da educação com o intuito de rascunhar um futuro desastroso e apocalíptico. Nem tampouco, pretendemos por nosso empenho, apenas ficar remoendo tudo que vivemos para que possamos nos vitimizar e sentir pena de nós mesmos ou, todavia, lastimar sobre tudo que poderíamos ter feito e que por ventura não foi realizado. Pelo contrário, esperamos encontrar nesses elementos os subsídios necessários para que possamos identificar tudo aquilo que precisa ser cuidadosamente reestruturado, repensado, revisto, reavaliado e ressignificado. As catástrofes vividas e experimentadas, individual e coletivamente devem nos permitir compartilhar das mais diferentes experiências e pensamentos para que possamos auxiliar todos aqueles que foram, a duras penas, sufocados pela realidade intransigente que divorciou a relação “estável” entre educadores e educandos.

Sabemos que todas as rápidas soluções encontradas para sanar os problemas mais imediatos, trazem consigo o risco da ignorância sobre as peculiaridades e complexidades da realidade cotidiana. Todas as mudanças repentinas nos levaram a uma readaptação forçada para que a vida pudesse estar o mais próximo possível daquilo que ela costumava ser. Em meio a tantas adaptações e preocupações, acabamos perdendo a nossa capacidade de reconhecer o outro em suas necessidades mais fundamentais, ou seja, perdemos a nossa própria humanidade e o ideal inerente à educação, o de humanizar o próximo.

“Eu saberia” não é uma determinação absoluta, é apenas um futuro pretérito que se conjugará caso sejamos omissos e submissos perante toda a factualidade vigente que declina os professores e os alunos a uma condição de aprisionamento de suas potencialidades. As defasagens são condições presentes necessárias, porém não suficientes para determinar tudo aquilo que podemos ser e juntos alcançar.

Esse panorama geral terá alcançado êxito se servir como instrumento de inquietação, para que o leitor atento e interessado reivindique para si mesmo uma nova postura sobre a sua missão docente ao se compreender como fonte de influência e inspiração, capaz de modificar as percepções de realidade e a própria realidade em si. Consciente de tamanha responsabilidade, ao reconhecer o poder de transformação e intervenção que emana de sua docência, não se limitará mais somente à promoção de conhecimentos, mas, sobretudo, a constante busca pela sabedoria para satisfazer as múltiplas necessidades manifestas pelos seus educandos.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As preocupações oriundas dos impactos da pandemia na educação conduziram esses estudos para uma análise multifacetada que buscava na observação das perspectivas interacionais, emocionais e cognitivas do corpo discente um compêndio de fatores que, interligados, forneceriam os meios adequados para compreender a gênese dos prejuízos educacionais. Para além do esperado, as investigações acabaram revelando os próprios educandos em uma condição de vulnerabilidade que eles mesmos pareciam desconhecer.

A pseudo-conectividade proporcionada pelo mundo virtual mostrou-se insuficiente para saciar a qualidade afetiva das relações de presencialidade. Ademais, a inviabilidade e ocultação da exposição imagética por culto à vaidade, nas aulas a distância e outras situações, acabaram se transformando, primeiramente, em uma forma de privacidade e sigilo, porém, posteriormente, em uma forma de isolamento e profunda solidão. Em termos de aprendizagem e participação em aula, em poucas palavras, algo praticamente inviável para a grande maioria.

Agregado a esses elementos, identificou-se um sistema de contradições em que o próprio corpo docente em domínio de sua razão e em ignorância das razões alheias, em reciprocidade inversa de mesma validade, acabavam, mesmo que sem querer, criando um ciclo de incontáveis penúrias não intencionais que alimentava uma mutualidade de prejuízos. Em síntese, os professores davam aula e não tinham retorno, logo aplicavam atividades. Os alunos não viam as aulas e tentavam dar conta das atividades, logo, ficavam cada vez mais frustrados. Um sistema aparentemente pouco racional e perfeitamente disfuncional, mas que jamais foi conscientemente desejado por qualquer uma das partes.

Ao recorrer à urgência pragmática de adaptações tecnológicas para suprir as demandas da educação nacional, a fim de superar as adversidades impostas pela

pandemia, uma infinidade de reticências fizeram-se presentes pela nova formatação de ensino. No entanto, parece que o ensino a distância, embora limitado, é de fato apenas um recurso instrumental. A problematização parece circundar na primitiva mentalidade dos partícipes em relação a sua utilização, pois passam a ser usados pela tecnologia, ao invés de dela se utilizarem.

Finalmente, parece que por conta de inúmeros fatores que se relacionam direta e indiretamente, a qualidade dos corpos docentes e discentes têm, gradativamente, perdido a sua capacidade de estabelecer relações verdadeiramente humanas quando conectados a distância. Ao desmascarar, na consciência velada, o egoísmo, a indiferença e a apatia como subprodutos de uma apressada implementação resolutiva para dar conta das demandas da educação na pandemia, parece que precisamos agora repensar a qualificação relacional, emocional e cognitiva dos nossos educandos, pois dessas decorrerão, futuramente, pensamentos, sentimentos e comportamentos imprevisíveis, em caso de nossa omissão no presente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Henrique; LUZIO, Nildo. **Avaliação da educação básica**: em busca da qualidade e equidade no Brasil. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevistas a Benedetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6. ed.- SP. Pearson Prentice Hall, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo**: ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Trad. Sandra Costa. Ed. revisada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SILVERMAN, David. **Métodos de Pesquisa- Interpretação de Dados Qualitativos**: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3. ed. –Porto Alegre/RS. Artmed, 2009.

A **Educação Lassalista: Aprendizagens no contexto escolar** está vinculada, especialmente, as aprendizagens vividas no cotidiano, fundantes no ato de ensinar e aprender e carregadas de distintos conhecimentos, de várias percepções e de concepções de educação e de mundo, gerando uma leitura divergente e fecunda.

Ousamos dizer que as aprendizagens do contexto escolar são produtivas e profícuas. Integram as diferentes áreas do conhecimento e abrangem diversos aspectos do ambiente educacional, buscando articular as vivências e os conhecimentos, com os saberes históricos acumulados, contribuindo para a construção e maturação da identidade pessoal e profissional dos envolvidos.

A **Educação Lassalista: Aprendizagens no contexto escolar** está vinculada, especialmente, as aprendizagens vividas no cotidiano, fundantes no ato de ensinar e aprender e carregadas de distintos conhecimentos, de várias percepções e de concepções de educação e de mundo, gerando uma leitura divergente e fecunda.

Ousamos dizer que as aprendizagens do contexto escolar são produtivas e profícuas. Integram as diferentes áreas do conhecimento e abrangem diversos aspectos do ambiente educacional, buscando articular as vivências e os conhecimentos, com os saberes históricos acumulados, contribuindo para a construção e maturação da identidade pessoal e profissional dos envolvidos.